

## A EMOÇÃO DA INDIGNAÇÃO COMO INSTRUMENTO POLÍTICO NOS DISCURSOS DE LULA

### THE EMOTION OF INDIGNATION AS A POLITICAL INSTRUMENT IN LULA'S SPEECHES

Mariana Manzano Lopes\*

Giulle do Nascimento e Silva\*\*

Oriana de Nadai Fulaneti\*\*\*

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo analisar a função da indignação como estratégia enunciativa no contexto político brasileiro, tomando como *corpus* de análise quatro pronunciamentos de Luiz Inácio Lula da Silva em outubro de 2022 e janeiro de 2023, quando se deram, respectivamente: a vitória eleitoral na disputa presidencial e a posse como presidente eleito. O aporte teórico-metodológico se dá nos Estudos Discursivos Foucaultianos, em especial, nos estudos das emoções propostos por Corbin, Courtine, Vigarello e colaboradores (2020a, 2020b, 2020c). As análises revelaram que a indignação se apresenta nos discursos de Lula por meio de três formas predominantes: como estratégia de mobilização política; como estratégia de polarização política e como denúncia à situação política e à injustiça social.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso político; política brasileira; indignação.

**ABSTRACT:** This article analyzed the emotion of indignation as a discursive resource in the Brazilian political context, taking as a corpus four statements by Luiz Inácio Lula da Silva in the period of October 2022 and January 2023, where they occurred, respectively: the electoral victory in the presidential race and the inauguration of the elected president. The theoretical-methodological contribution is made in Foucauldian Discursive Studies, especially in the studies of emotions proposed by Corbin, Courtine, Vigarello *et al.* (2020a, 2020b, 2020c). The analyzes revealed that the emotion of indignation appears in Lula's speeches in three predominant forms: as a political mobilization strategy; as a strategy for political polarization and as a denunciation of the political situation and social inequality.

**KEYWORDS:** political discourse; Brazilian politics; indignation.

\* Doutoranda em linguística, Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: ma\_malopes@yahoo.com.br.

\*\* Doutoranda em linguística, Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: giulle2@gmail.com.

\*\*\* Doutora em linguística, Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: od.fulaneti@uol.com.br.

## INTRODUÇÃO

Durante um debate na TV Cultura entre candidatos à prefeitura de São Paulo, em 15 de setembro de 2024, o candidato José Luiz Datena (PSDB) reagiu aos insultos do candidato Pablo Marçal acertando o oponente como uma cadeira. Apesar de bastante radical, esse não é um fato isolado em política, campo no qual emergem muitas emoções. A política e as emoções são inseparáveis, seja na construção de pronunciamentos, seja nas tomadas de decisão, seja na avaliação do que pode ser considerado justo ou moral. As emoções são algo intrínseco à humanidade, elas são construídas a partir das relações culturais, e mudam seus usos conforme os contextos históricos (Corbin; Courtine; Vigarello, 2020). Partindo desse pressuposto, indagamo-nos: como as emoções se manifestam na linguagem?

Na busca de contribuir para a resposta a essa ampla questão, restringimo-nos à emoção da indignação<sup>1</sup> no discurso político, mais particularmente nos pronunciamentos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Lula é um líder popular com enorme força política no cenário brasileiro e manifestar paixões efusivas naqueles que o cercam (Braga, 2021). Assim, este artigo tem como objetivo identificar as posições adotadas por Lula no e pelo discurso, e as regularidades enunciativas, expressas por meio de recorrências do uso da indignação como forma de exercício de poder político.

Selecionamos como *corpus* de análise quatro pronunciamentos realizados por Luiz Inácio Lula da Silva, dois deles por ocasião da vitória na disputa eleitoral para presidência da República em 31 de outubro de 2022: o primeiro em coletiva de imprensa em um hotel em São Paulo, o segundo em carro de som para apoiadores na Avenida Paulista, também na capital paulista. Os outros dois pronunciamentos ocorreram na ocasião da posse presidencial em 1º de janeiro de 2023: o primeiro para público aberto no Palácio do Planalto em Brasília e o segundo na cerimônia de posse no Congresso Nacional, também em Brasília. Os quatro pronunciamentos foram amplamente divulgados pela imprensa e podem ser encontrados em diversas páginas da web, incluindo suas transcrições.

Entendemos que, a melhor forma de analisar a presença da indignação nos discursos de Lula é por meio da materialidade de seus enunciados. Foucault (1999) postula que é no âmbito da materialidade que o acontecimento discursivo se estabelece. Para o autor, a arqueologia deve “percorrer o acontecimento segundo sua disposição manifesta” (Foucault, 2000, p. 298). Dessa forma, nossa análise se desenvolve à luz dos Estudos Discursivos Foucaultianos, tendo como ênfase os conceitos de discurso político e indignação.

Este artigo é composto de três seções, além desta introdução. A próxima seção apresentará um breve referencial teórico no espectro dos Estudos Discursivos Foucaultianos, na sequência, procederemos com as análises do *corpus* e a discussão dos resultados, por fim

<sup>1</sup>Neste trabalho, estamos tratando emoção, sentimento e paixões como sinônimos.

apresentamos as considerações finais com a síntese dos principais resultados e a indicação de outras possibilidades de pesquisa para o campo.

## **DISCURSO POLÍTICO E INDIGNAÇÃO**

Nos Estudos Discursivos Foucaultianos, comprehende-se que as relações são construídas por meio de saberes e poderes e que a subjetividade é forjada como algo histórico (Prado Filho; Martins, 2007). Portanto, o discurso passa, também, por embates de forças, que estão imbuídas de saberes e poderes, provocando nos sujeitos maneiras de pensar e agir consoantes a esses discursos (Foucault, 2005).

Se Foucault nos fala sobre subjetividade, é possível compreendermos que a neutralidade é algo inalcançável, consequentemente, que as nossas tomadas de decisões são permeadas por emoções, ou seja, as ações humanas não são isentas de emoções, mas, pelo contrário, são motivadas por estas.

Para o desenvolvimento de nossa análise, dois elementos nos parecem centrais: os discursos políticos e a indignação. Tomamos indignação aqui não de uma perspectiva psicológica ou social, mas de uma perspectiva discursiva, aquela que se manifesta nos e pelos discursos. Interessa-nos principalmente o imbricamento desses dois conceitos, entender como a indignação é utilizada como recurso nos discursos políticos.

Discurso político é um conceito muito amplo: pode ser compreendido como referência ao discurso do período eleitoral, ao discurso pronunciado por alguém que ocupe um cargo político, como a modalidade discursiva que faz referência à vida em sociedade e suas leis, princípios de justiça, de cidadania além de compreender outras possibilidades (Sargentini, 2020). Mas, em comum entre todas as possibilidades, parece haver dois pontos centrais: um cenário de disputas e a luta pelo poder.

Assim como discursos inscritos em outras formações discursivas, o discurso político está sujeito a procedimentos que permitem o controle dos discursos, entre elas a rarefação dos sujeitos que falam, procedimento que impõe aos indivíduos que pronunciam os discursos um conjunto de regras, que visam garantir que “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (Foucault, 1999, p. 37)

Assim, Foucault (1999) explica que os discursos políticos, pelo menos em partes, não podem ser desassociados da prática que o autor chamou de “ritual” – definida como “a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam” (Foucault, 1999, p. 39). Tal prática define a posição ocupada por aquele que fala, os papéis preestabelecidos, as propriedades, os tipos de enunciados, os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de signos que acompanham o discurso.

Já a indignação é definida por Mazeau (2020, p. 202) como um sentimento de “cólera provocada por uma coisa indigna, injusta, contrária à razão e à virtude”. Já para Fureix (2020, p. 554), a indignação é uma “emoção moral, desencadeada por um estímulo exterior [...] erigida como resposta a um crime de lesa-humanidade proveniente de autoridade legal que, por isso mesmo, se torna usurpadora”.

Desde a Antiguidade Clássica já se sabe que as emoções se manifestam no e pelo discurso, como observado nos escritos de Aristóteles, na Grécia, sobre a retórica, onde a indignação, assim como outras emoções, estariam vinculadas ao estatuto social do indivíduo, sendo permitida apenas aos homens livres, os escravos não poderiam experimentá-la pois estes não seriam dignos de indignar-se (Sartre, 2020). Também na Antiguidade, demonstra-se que a cólera, enquanto sentimento impulsor da indignação, teria papel fundamental nas relações políticas e de poder, como podemos observar nas palavras de Sartre (2020, p. 38):

[...] emoção mais solicitada pelos oradores políticos permanece, sem qualquer sombra de dúvida, a cólera. Não uma cólera selvagem, o furor das mulheres evocado acima, mas uma cólera contida, que não obscureça o julgamento, que dê o ímpeto necessário à ação, à decisão de agir ou punir.

Observa-se no excerto acima que na Antiguidade Clássica havia uma distinção entre o que seria a cólera masculina: ponderada e contida e o que seria a cólera feminina: selvagem e furiosa, sendo somente a primeira útil às finalidades políticas.

Também na Roma Antiga, a comoção e o patético estiveram no centro dos interesses do orador: emoções, gestos, expressões faciais, modulações de voz e outros procedimentos fomentadores de emoções faziam parte dos procedimentos do orador e destinava-se a estimular as emoções mais variadas como a indignação, a piedade. Esta dimensão emocional da oratória jurídica e política tem registros de suas técnicas e preceitos expostos em manuais de retórica romanos que datam do século I (Vial-Logeay, 2020).

Já no Império Romano, o uso da indignação, especialmente na política e nos embates jurídicos, valia-se de uma construção retórica bastante específica, na qual salientavam-se as “anormalidades” e as “deformidades” dos crimes e imoralidades motivadores do sentimento de indignação. Vial-Logeay (2020) explica que um dos procedimentos utilizados no período consistia em fazer parecer que o crime sobre o qual estava-se debatendo não era um crime comum, mas um crime desconhecido inclusive pelos sábios, e impraticável inclusive pelos povos bárbaros ou pelos mais ferozes dos animais. Estabelecia-se, assim, uma espécie de hierarquia moral que era motivadora da indignação social.

Nas cortes da Idade Média o uso das emoções reforçava a eficácia do poder. Ao princípio caberia exercer a cólera como demonstração de força, lançando mão de sua capacidade de castigar, quando julgasse necessário. Porém, essa manifestação colérica deveria repousar

nos princípios da justiça, sob pena de afetar a imagem bondosa e benevolente do governante, estabelecendo um vínculo contratual ambivalente entre governante e governados (Smagghe, 2020). Um certo equilíbrio entre “clemência” e “mãos firmes” se fazia necessário. Logo: “uma justa cólera pode ser içada ao nível das virtudes do bom governante” (Smagghe, 2020, p. 331).

No período da Revolução Francesa, por sua vez, as emoções ocuparam lugar de destaque. Um bom revolucionário era aquele capaz de preservar viva e inflamada a chama da revolução e manter-se em permanente estado de insurreição frente a uma situação intolerável (Mazeau, 2020). Mazeau (2020) define a Revolução Francesa como uma revolução da cólera e do pavor e observa que um instrumento bastante utilizado para suscitar a indignação era a exibição do sofrimento de feridos, mutilados e mortos em nome da causa, exibidos como provas incontestáveis da violência do Antigo Regime.

Na contemporaneidade, especialmente no que marca o período entre as duas grandes guerras, a indignação ressurge no cenário político advinda de uma necessidade de reação e reajuste das emoções vividas por uma juventude revolucionária e indignada (Bantigny, 2020). Neste período é possível observar uma indignação vivida não apenas como um valor, mas também como uma ação, “uma emoção em atividade que resulta em um projeto de transformação política; nesse sentido, ela está longe de ser apenas uma ‘politização negativa’, ela não é feita unicamente de rejeição, e sim de construção” (Bantigny, 2020, p. 232).

O cenário de indignação não só como rejeição, mas também como fonte de construção encontra-se fortemente presente nos dias atuais. Um exemplo pode ser visto no título da obra do Sociólogo Manuell Castells, *Redes de indignação e esperança* (Castells, 2013), na qual o autor afirma ser a combinação de indignação e esperança um motor essencial para o desenvolvimento de muitos movimentos sociais contemporâneos.

De acordo com os autores anteriormente mencionados e, de modo geral, com a perspectiva dos Estudos Discursivos Foucaultianos, podemos observar que a indignação sempre esteve presente nas relações políticas e como instrumento político desde a antiguidade até a contemporaneidade, permeando os usos, discursos e espaços políticos. Para as análises que darão sequência a este documento, destacaremos no *corpus* sequências enunciativas que manifestam a emoção da indignação nos pronunciamentos de vitória eleitoral e de posse de Lula em 2022 e 2023 respectivamente. Esses quatro pronunciamentos são parte de um conjunto de discursos que marcam a transição de governo entre Lula e Jair Bolsonaro, seu antecessor.

## A INDIGNAÇÃO NO DISCURSO DE LULA

Após a leitura do material selecionado para a análise sob uma perspectiva enunciativo-discursiva, verificamos que a emoção da indignação se apresenta nos discursos de Lula por meio de três formas predominantes: como estratégia de mobilização política; como estratégia

de polarização política e como denúncia à situação política e à injustiça social. A seguir, apresentamos a análise de cada uma dessas regularidades.

### **INDIGNAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE MOBILIZAÇÃO POLÍTICA**

O efeito de sentido de estar indignado, assim como a busca da mobilização da indignação no eleitor podem ser vistos como estratégias discursivas que líderes políticos conseguem utilizar para moldar e estruturar percepções públicas, legitimar ações, invalidar adversários, podendo desempenhar papel central na criação de narrativas de resistência e transformação. Segundo Foucault (2013), o discurso é uma prática social que produz e organiza o conhecimento, moldando comportamentos e emoções.

A partir da perspectiva foucaultiana, o poder não é apenas repressivo, mas produtivo — ele concebe realidades, induz comportamentos e institui saberes. A indignação funciona como uma emoção que direciona essas práticas de poder, sendo mobilizada para definir o que é considerado moralmente aceitável ou inaceitável na esfera política. Quando a indignação é expressa em discursos, ela cria um efeito de sentido de que o enunciador é representante de uma causa justa, o que fortalece sua autoridade e capacidade de influenciar.

Lula frequentemente evoca a indignação popular, especialmente ao abordar temas como a pobreza, a fome e a desigualdade social. Ele se apresenta como indignado ao construir uma narrativa de injustiça histórica que precisa ser corrigida, posicionando seu governo como a alternativa para essas questões. Diante disso, a superação dessas injustiças pressupõe uma indignação com as mesmas:

1. Olha, eu queria apenas dizer para vocês que essa não é uma vitória minha, não é uma vitória só do PT. Essa foi uma vitória de todas as mulheres e homens que amam a democracia, que querem liberdade, que querem um país mais justo. Essa foi a vitória das pessoas que querem mais cultura, que querem mais educação, que querem mais fraternidade, mais igualdade. Essa vitória é de todos os homens e mulheres que resolveram libertar esse país do autoritarismo (Silva, 2022b).
2. Hoje, depois do terrível desafio que superamos, devemos dizer: democracia para sempre! Para confirmar estas palavras, teremos de reconstruir em bases sólidas a democracia em nosso país. A democracia será defendida pelo povo na medida em que garantir a todos e a todas os direitos inscritos na Constituição (Silva, 2023b).

Os trechos anteriores revelam que, unidos em torno da indignação coletiva, Lula, juntamente com os apoiadores, estão transformando o cenário de injustiça em uma situação melhor. Corbin, Courtine e Vigarello (2020) argumentam que as emoções, especialmente a indignação, não são mera reações individuais, mas são social e historicamente construídas.

Assim, o discurso de Lula transforma a indignação em uma emoção política que legitima ações e consolida seu poder.

Os excertos acima exemplificam como a indignação com o cenário político anterior pode alimentar um discurso de resistência. Lula menciona que a insatisfação, que leva à indignação, foi uma força que uniu vários seguimentos da sociedade, pois sugere que a eleição não foi apenas uma escolha eleitoral, mas sim, uma luta coletiva pela democracia. Assim, a indignação pode legitimar o movimento político, tornando-se uma ação necessária para restaurar e defender o regime democrático, não sendo meramente uma denúncia das situações de injustiças. Foucault (2017) afirma que a produção da verdade também exerce um poder. Nesse contexto, a indignação foi utilizada para produzir uma vontade verdade política, que evoca a restauração da democracia, que já se constitui como uma prática social e histórica e é retomada e (res) significada a partir do lugar no qual este sujeito político se insere.

A indignação no discurso de Lula não surge apenas como uma resposta individual, mas como uma emoção coletiva que atravessa seus apoiadores, marcados por um percurso de frustração que leva à indignação e posterior reação, enfrentando os desafios durante o período eleitoral. Corbin, Courtine e Vigarello (2020) enfatizam que as emoções são historicamente construídas e socialmente partilhadas, moldando identidades e percepções coletivas. Nesse sentido, a indignação, tal como articulada por Lula, reflete um sentimento de resistência a um sistema político que, segundo ele, havia abandonado os princípios democráticos.

3. Neste 30 de outubro histórico, a maioria do povo brasileiro deixou bem claro que deseja mais – e não menos democracia. Deseja mais – e não menos inclusão social e oportunidades para todos. Deseja mais – e não menos respeito e entendimento entre os brasileiros. Em suma, deseja mais – e não menos liberdade, igualdade e fraternidade em nosso país (Silva, 2022a).
4. Que a razão da minha vitória foi a dedicação, o trabalho de cada um de vocês. De cada homem e de cada mulher que acreditava na liberdade, que acreditava na possibilidade da gente recuperar esse país para o povo brasileiro (Silva, 2022b).
5. Foi a democracia a grande vitoriosa nesta eleição, superando a maior mobilização de recursos públicos e privados que já se viu; as mais violentas ameaças à liberdade do voto, a mais abjeta campanha de mentiras e de ódio tramada para manipular e constranger o eleitorado (Silva, 2023b).

O discurso de Lula aponta que a ameaça da perda da liberdade, da democracia, da piora do bem estar social, da diminuição do respeito, assim como a chuva de mentiras e presença de ódio foi um motor de indignação para seus eleitores e que sua vitória é uma fresta de esperança diante dessa indignação e medo vividos. Os excertos criam efeito de sentido de que a indignação venceu as mazelas anteriormente vividas. A defesa de Lula a favor da democracia, da liberdade e contra o autoritarismo é um elemento mobilizador. De acordo com Collins

(2001), as emoções, especialmente a indignação moral, podem funcionar como motores de transformação social quando articuladas em discursos públicos. Assim, a indignação é transformada em um afeto coletivo que exige uma resposta política, funcionando como uma força de mobilização popular e como base de legitimação do novo governo.

### **OPOSIÇÃO “NÓS” E “ELES”: A INDIGNAÇÃO E A POLARIZAÇÃO**

A segunda regularidade encontrada nos textos analisados se demonstra na instrumentalização da indignação especificamente orientada para os seus antecessores políticos, e ela se materializa no discurso sob a forma de apontamento dos erros e dos crimes cometidos pelos governos anteriores.

É possível observar que em boa parte destes enunciados o presidente faz uso de recursos linguísticos como o *nós inclusivo* (“não podemos”, “não vamos”) e generalização (“o Brasil não pode”, “o Brasil não vai”), criando efeito de sentido de que a indignação sobre o intolerável não é só dele, mas também de todos aqueles que o escutam, reforçando o efeito de uma indignação coletiva. Em outros enunciados, o enunciador se vale dos verbos em terceira pessoa (“é”, “não é”), nestes casos, agrupa efeito de verdade ao discurso.

O cenário político brasileiro na contemporaneidade tem sido marcado pela polarização, que divide grupos em lados antagônicos, facilitando a mobilização emocional. Nos discursos aqui analisados, Lula faz uso frequente do “nós”, em referência aos seus apoiadores, e o “eles” para designar seus opositores. Divisão clássica, se é possível a construção de uma identidade coletiva, em que o “eles” representa a opressão e a corrupção, e o “nós” está associado à luta, à resistência ao autoritarismo, à esperança e à salvação. Segundo Foucault (1987) o discurso é uma forma de ação, onde pode ser criado e perpetuado relações de poder, não sendo apenas, uma forma de representação da realidade.

A leitura da totalidade dos pronunciamentos estudados mostra expressões como “destruição nacional”, “países mais desiguais do mundo”, “tamanho abandono e desalento nas ruas”, “extrema pobreza”, “lenta e progressiva construção de um verdadeiro genocídio”, “um dos piores períodos da nossa história, uma era de sombras, de incertezas e de muito sofrimento”, entre outras, revelam a denúncia de um cenário devastador, um país destruído. A responsabilidade por essa devastação é atribuída aos antecessores, considerados “genocidas”, “criminosos”, “fascistas”, “obscurantistas” etc., cuja história “jamais perdoará”.

A análise do discurso de Lula também revela como a linguagem molda a percepção de poder e resistência. Foucault (1971) argumenta que a estrutura do discurso é fundamental para a construção da realidade social. Ao usar expressões que delineiam claramente os “nós” e “eles”, Lula não apenas delineia a divisão política, mas também constrói uma narrativa de luta e superação. Esse processo de categorização não é neutro; ele é uma forma de disciplina

que organiza as relações sociais e políticas, incentivando a conformidade com os valores do grupo identificado.

6. O diagnóstico que recebemos do Gabinete de Transição de Governo é estarrecedor. Esvaziaram os recursos da Saúde. Desmontaram a Educação, a Cultura, Ciência e Tecnologia. Destruíram a proteção ao Meio Ambiente. Não deixaram recursos para a merenda escolar, a vacinação, a segurança pública, a proteção às florestas, a assistência social. Desorganizaram a governança da economia, dos financiamentos públicos, do apoio às empresas, aos empreendedores e ao comércio externo. Dilapidaram as estatais e os bancos públicos; entregaram o patrimônio nacional. Os recursos do país foram rapinados para saciar a cupidez dos rentistas e de acionistas privados das empresas públicas. É sobre estas terríveis ruínas que assumo o compromisso de, **junto com o povo brasileiro**, reconstruir o país e fazer novamente um Brasil de todos e para todos (Silva, 2023b, grifo nosso).
7. E **nós** escolhemos a vida. O desafio é imenso. É preciso reconstruir este país em todas as suas dimensões. Na política, na economia, na gestão pública, na harmonia institucional, nas relações internacionais e, sobretudo, no cuidado com os mais necessitados (Silva, 2022a, grifo nosso).
8. **Nós** temos que recuperar a educação das nossas crianças porque as famílias mais pobres perderam dois anos com a pandemia e nós precisamos fazer um mutirão para tentar reeducar essas crianças pra poder chegar a um nível que deveria estar. **Nós** vamos voltar a fazer uma revolução, vai ter Prouni outra vez, vai ter Fies, vai ter Reuni, vai ter Pronatec, ou seja, ninguém venha me dizer que a gente não pode colocar dinheiro na educação, que é gasto (Silva, 2022b, grifo nosso).
9. Foi para combater a desigualdade e suas sequelas que **nós** vencemos a eleição (Silva, 2023a, grifo nosso).

Os excertos anteriores revelam a indignação em relação ao “eles” e a esperança no “nós”. Os trechos 7, 8 e 9 mostram o “nós” sendo construído discursivamente como resistente, resiliente e superior em termos morais ao “eles”. A fala de Lula incorpora a ideia de uma luta contínua contra as forças opressoras, caracterizando o “eles” como aqueles que detêm o poder ilegítimo, imoral e, portanto, devem ser derrotados.

Martha Nussbaum (2013), em *Political Emotions*, argumenta que emoções como a indignação têm um papel central na construção de comunidades políticas voltadas para a justiça. No discurso de Lula, a indignação é mobilizada como um apelo à justiça social, destacando a importância de reconstruir o Brasil em prol do povo. Logo, esse sentimento é usado como uma força moral que une o “nós” ao redor da causa da justiça, ao mesmo tempo em que lembra quem são os responsáveis pelos problemas sociais, e o cenário atual do país, reforçando a divisão com o “eles”.

Apesar de não citar os nomes dos governantes anteriores em nenhum dos quatro pronunciamentos analisados, é possível identificar que Lula se refere aos governos Michel Temer (2016-2018) e sobretudo de Jair Bolsonaro (2019-2022). Ao se referir especificamente ao governo de Jair Bolsonaro, Lula faz uso de expressões com valor negativo como “atitude criminosa de um governo negacionista, obscurantista, insensível à vida” (Silva, 2023b), “governo fascista” (Silva, 2022b) e o uso do neologismo “desgoverno” (Silva, 2023a), o que reforça ainda mais a relação “nós” x “eles”.

### **A INDIGNAÇÃO COMO DENÚNCIA DA SITUAÇÃO POLÍTICA E DA INJUSTIÇA SOCIAL**

A terceira e última regularidade observada por este trabalho nos pronunciamentos de Lula é o que chamamos de “indignação política pela política”, na qual, por meio dos discursos, Lula demonstra sua indignação pela condição política do país, seja pelas ações antidemocráticas e autoritárias conduzidas pelos governos anteriores, seja pelo clima de hostilidade e violência política fomentado por grupos políticos distintos, seja por injustiças sociais e desigualdades.

Nos discursos, Lula articula a indignação ao abordar a disparidade entre ricos e pobres, e o modo como essa desigualdade foi perpetuada por políticas anteriores. No discurso de vitória, ele diz:

10. Na luta pelo bem do Brasil, usaremos as armas que nossos adversários mais temem: a verdade, que se sobrepõe à mentira; a esperança, que venceu o medo; e o amor, que derrotou o ódio. Viva o Brasil. E viva o povo brasileiro (Silva, 2023a).

Essa fala revela uma indignação não apenas passiva, mas ativa, voltada para a transformação. A menção à *esperança* que vence o *medo* denota que a indignação com as condições sociais é uma força catalisadora de mudança, alinhada com a teoria de Foucault sobre o poder discursivo e a resistência.

Lula, ao mencionar a fome e a pobreza, conecta a indignação à biografia coletiva de muitos brasileiros.

11. O povo brasileiro mostrou hoje que deseja mais do que o direito de apenas protestar que está com **fome**, que **não há emprego**, que o seu **salário é insuficiente** para viver com dignidade, que não tem acesso a saúde e educação, que **lhe falta um teto** para viver e criar seus filhos em segurança, que não há nenhuma perspectiva de futuro (Silva, 2022a, grifos nossos).
12. A **fome** está de volta – e não por força do destino, não por obra da natureza, nem por vontade divina. A volta da **fome** é um crime, o mais grave de todos, cometido contra o povo brasileiro. A **fome** é filha da desigualdade, que é mãe dos grandes males que atrasam o desenvolvimento do Brasil (Silva, 2023a, grifos nossos).

13. Ter de repetir este compromisso no dia de hoje – diante do avanço da **miséria** e do regresso da **fome**, que havíamos superado – é o mais grave sintoma da devastação que se impôs ao país nos anos recentes (Silva, 2023b, grifos nossos).

Ao falar de fome, de pobreza, de falta de segurança, Lula está falando de sobrevivência mínima, de dignidade. Denunciando a situação de “luta pela sobrevivência” e “falta de dignidade” vivida por muitos brasileiros, Lula reforça o caráter moral da indignação. Assim, afirmando que “o Brasil não aguenta mais tanta desigualdade”, Lula legitima sua indignação, não apenas como uma resposta a um problema, mas como uma exigência por mudança.

A indignação de Lula é ressignificada ao abordar a desigualdade como um tema de justiça social urgente.

14. Só assim seremos capazes de construir um país de todos. Um Brasil igualitário, cuja prioridade sejam as pessoas que mais precisam. Um Brasil com paz, democracia e oportunidades (Silva, 2022a).
15. Os povos indígenas precisam ter suas terras demarcadas e livres das ameaças das atividades econômicas ilegais e predatórias. Precisam ter sua cultura preservada, sua dignidade respeitada e sua sustentabilidade garantida (Silva, 2023a).
16. Não é admissível que negros e pardos continuem sendo a maioria pobre e oprimida de um país construído com o suor e o sangue de seus ascendentes africanos. Criamos o Ministério da Promoção da Igualdade Racial para ampliar a política de cotas nas universidades e no serviço público, além de retomar as políticas voltadas para o povo negro e pardo na saúde, educação e cultura. É inadmissível que as mulheres recebam menos que os homens, realizando a mesma função (Silva, 2023b).

Os excertos 14, 15 e 16 deixam claro o público-alvo de Lula – as classes minorizadas, além de reforçar a injustiça social como elemento moral da indignação. Lula ecoa o que Corbin, Courtine e Vigarello (2020) descrevem como a capacidade do discurso político de construir emoções coletivas que mobilizam uma comunidade política. A indignação aqui não é simplesmente uma queixa, mas um projeto de ação, ressignificado como um dever do Estado de reverter as desigualdades.

Essa ressignificação se alinha com as ideias de Ernesto Laclau (2005), que vê as emoções políticas como fundamentais para a construção de hegemonia. Lula, ao expressar indignação em relação à injustiça social, redefine o que significa justiça e democracia em seu projeto político, fazendo da indignação uma ferramenta central para estabelecer novas alianças políticas e redefinir o papel do governo.

Ao expressar indignação com a fome e a desigualdade, Lula denuncia as estruturas de poder que perpetuam essas condições, algo que Foucault (1980) identifica como uma forma

de resistência discursiva. Lula, portanto, usa a indignação não apenas como um sentimento, mas como uma prática discursiva que desafia as estruturas dominantes de poder.

Ao transformar a indignação em uma convocação para a ação, Lula legitima seu governo como um projeto de justiça social. A indignação mobiliza os cidadãos ao redor de uma causa comum, transformando a emoção em ação política. O discurso de Lula, ao transformar a indignação em compromisso com a justiça social, ressignifica o papel do governo e da sociedade na luta por igualdade.

Fica evidenciado por meio das regularidades e de trechos dos pronunciamentos apresentados que Lula, no uso de sua fala política, utiliza a emoção da indignação como instrumento político. Nesse sentido, utiliza a emoção da indignação como recurso em seus discursos com a finalidade de emocionar e mobilizar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, tomamos como pressuposto que o discurso é um artefato de poderes e saberes e, portanto, é carregado de interesses e emoções. Partindo de uma análise histórica da emoção da indignação e de seu uso político proposto no quadro dos Estudos Discursivos Foucaultianos, analisamos quatro pronunciamentos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, dois deles em ocasião de sua vitória eleitoral em 2022 e outros dois na ocasião de sua posse como presidente eleito em 2023.

Os três eixos temáticos nos quais dividimos a análise foram uma escolha metodológica para evidenciar melhor determinados fenômenos, porém, não se trata de estratégias estanques. Ao final da análise foi possível percebermos alguns elementos do “discurso político clássico”, como a crítica aos adversários, a promessa de dias melhores, a presença de emoções no discurso. Entretanto, o que parece mais relevante foram os aspectos reveladores e reforçadores da situação política atual. Inicialmente, a realidade bélica da polarização, que faz com que a disputa entre os adversários torne-se uma verdadeira guerra, com direito a cadeiradas e tudo. Assim, há um aumento no gradiente de violência da política e o outro passa a ser “intolerável”, “inaceitável”, “inadmissível”, “mentiroso” etc. Um exemplo é a denúncia contra a fome e as injustiças sociais agudas, que levam milhões de brasileiros a uma condição de vida indigna.

A análise também revela a tensão da política brasileira atual, que vive um limiar entre o autoritarismo e a democracia. Diversas são as atitudes que ameaçam nossa liberdade. Quando se trata de ameaças tão sérias, as reações tendem a ser também mais enérgicas. Assim, Lula, por meio do recurso da indignação, procura mostrar a seriedade da situação e mobilizar uma massa de oprimidos. É importante, entretanto, que essa indignação não seja feita apenas de violência, mas também dosada com a esperança da possibilidade de se construir dias melhores. E nesse fio tênu, trava-se o combate de nossa realidade atual, a luta entre a democracia e o autoritarismo.

Para pesquisas futuras sugerimos o tratamento do uso discursivo de outras emoções como a ira e a benevolência no discurso de autoridades políticas brasileiras.

## REFERÊNCIAS

- BANTIGNY, L. Engajar-se: política, evento e gerações. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História das emoções: 3.** Do final do séc. XIX até hoje. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 224-268.
- BRAGA, A. Seduzir as massas: líderes populares e partidos políticos como dispositivos de controle das multidões. **MOARA–Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, v. 2, n. 57, p. 53-66, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v2i57.9518>.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- COLLINS, Randall. Social movements and the focus of emotional attention. In: GOODWIN, J.; JASPER, J.; POLLETTA, F. **Passionate politics**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.
- CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. Introdução geral. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História das emoções: 1.** Da Antiguidade às Luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 09-21.
- CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História das emoções: 1.** Da Antiguidade às Luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2020a.
- CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História das emoções: 2:** Das Luzes até o final do séc. XIX. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2020b.
- CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História das emoções: 3.** Do final do séc. XIX até hoje. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2020c.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Trad. Laura Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Muchail. 8. ed., 2<sup>a</sup> tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- FUREIX, E. As emoções de protesto. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História das emoções: 2:** Das Luzes até o final do séc. XIX. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 537-578.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2005.

MAZEAU, G. Emoções políticas: a Revolução Francesa. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História das emoções: 2**: Das Luzes até o final do séc. XIX. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 177-254.

NUSSBAUM, Martha. **Political Emotions**: Why Love Matters for Justice. Cambridge: Harvard University Press, 2013.

PRADO FILHO, K.; MARTINS, S. A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s). **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 14-19, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300003>.

SARGENTINI, V. Discurso político e resistência: a estilística da (des)obediência dos discursos. In: BRAGA, A.; SÁ, I. de. **Por uma microfísica das resistências**: Michel Foucault e suas lutas antiautoritárias da contemporaneidade. Campinas: Pontes, 2020.

SARTRE, M. Os gregos. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História das emoções: 1**. Da Antiguidade às Luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 26-100.

SILVA, L. I. L. da. **Pronunciamento da vitória em coletiva de imprensa em São Paulo**, 2022a. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pofuU-d6r\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=pofuU-d6r_8). Acesso em: 3 jul. 2023.

SILVA, L. I. L. da. **Pronunciamento da vitória em carro de som na Avenida Paulista**, 2022b. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=BN\\_lywA6eZw](https://www.youtube.com/watch?v=BN_lywA6eZw). Acesso em: 3 jul. 2023.

SILVA, L. I. L. da. **Pronunciamento da Cerimônia de Posse no Palácio do Planalto em Brasília**, 2023a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ve3CUECEepo>. Acesso em: 3 jul. 2023.

SILVA, L. I. L. da. **Pronunciamento da Cerimônia de Posse no Congresso Nacional em Brasília**, 2023b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6nXidjo9Wo8>. Acesso em: 3 jul. 2023.

SMAGGHE, L. As emoções políticas nas cortes principescas dos séculos XIV-XV. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História das emoções: 1**. Da Antiguidade às Luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 324-341.

VIAL-LOGEAY, A. O universo romano. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História das emoções: 1**. Da Antiguidade às Luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 101-140.

Recebido para publicação em: 7 jan. 2025.  
Aceito para publicação em: 2 jun. 2025.